

A experiência transatlântica: romances que viajam, viajantes que escrevem romances

The transatlantic experience: traveling novels, travellers writing novels

*Valéria Augusti**

RESUMO

O mercado europeu do livro começou a se organizar internacionalmente por volta do ano de 1480, expandindo além-mar graças ao processo de mundialização promovido pelos países da Península Ibérica. O acervo do Grêmio Literário Português, gabinete de leitura instalado em 1867 na capital da Província do Pará, foi tributário desse processo de expansão do comércio transatlântico de livros. Parte significativa do acervo desse gabinete de leitura, situado no extremo Norte do território brasileiro, foi constituída por romances franceses publicados no século XIX. Parcela desses romances foi escrita por viajantes tomaram a experiência vivida fora do continente europeu como mote para escrever suas obras. Este artigo explora o percurso biográfico desses autores para, em seguida, discutir a problemática do diálogo formal e temático estabelecido entre relatos de viagem e ficção, tendo em vista a disputa desses gêneros pelo mercado editorial do Oitocentos. Por fim, levanta questões sobre o papel de ambos na constituição da consciência europeia sobre povos desconhecidos de outros continentes, assim como no imaginário dos países então colonizados.

Palavras-chave: *comércio transatlântico de livros; romances franceses; relatos de viagem*

* Universidade Federal do Pará

ABSTRACT

The European book market began to organize itself internationally around the year 1480, expanding overseas thanks to the process of globalization promoted by the countries of the Iberian Peninsula. The collection of the Grêmio Literário Português, a circulating library set up in 1867 in the capital of the province of Pará, was a tributary of this process of expansion of the transatlantic book trade. A significant part of the collection of this circulating library, located in the far north of Brazil, was made up of French novels published in the 19th century. A portion of these novels were written by travellers who took their experience outside the European continent as their motto for writing their works. This article explores the biographical trajectory of these authors and then discusses the problem of the formal and thematic dialogue established between travel narratives and fiction, in view of the dispute between these genres for the publishing market of the Eight hundred. Finally, it raises questions about the role of both in the constitution of European consciousness about unknown peoples from other continents, as well as in the imaginary of the then colonized countries.

153

Key-words: *transatlantic trade in books; French novels; travel narratives*

1. Introdução

154

A história dos livros é, de certa forma, uma história dos deslocamentos no espaço. Traçar e compreender as diversas rotas que possibilitaram fazer circular esses objetos pelas quatro partes do mundo, sem dúvida, é tarefa que ocupou e ocupa a atenção de pesquisadores que se situam no campo da História Cultural.

Sabe-se que o mercado do livro começou a se organizar internacionalmente por volta do ano de 1480 (FEBVRE, MARTIN, 1999, p. 309). À época, transportar esse tipo de mercadoria significava enfrentar dificuldades as mais diversas. Os custos decorrentes das taxas de comercialização e do peso dos livros levava editores a despachá-los sem encadernação para que livreiros, encarregados da venda, o fizessem, o que produzia inúmeros transtornos, como por exemplo, a constatação de que faltavam folhas em determinados exemplares. Não bastasse esse fato, charretes e barcos utilizados no transporte expunham o produto a estragos decorrentes das mais diversas intempéries climáticas, razão pela qual passaram a ser acondicionados até mesmo em tonéis de madeira. Os riscos de erro no transporte eram tão grandes que os tonéis traziam, além do endereço de destino, um signo em forma de monograma para evitar equívocos por parte daqueles que não sabiam ler, mas estavam envolvidos no envio da preciosa mercadoria. (FEBVRE, MARTIN, 1999, 316)

A despeito dessas dificuldades, uma verdadeira rede comercial do livro foi se firmando em toda a Europa em fins desse século. Livreiros varejistas se instalaram em todos os lugares, recebendo livros de grandes editores, que mantinham lojas em várias cidades e países; vendedores ambulantes se encarregaram, por sua vez, de escoar almanaques e livretos em zonas rurais (FEBVRE, MARTIN, 1999, 320). No século XVI se estabeleceu também a prática de vender livros em feiras, responsáveis por facilitar as transações comerciais, já que permitiam o encontro de livreiros e impressores e garantiam o afluxo da população, favorecendo as vendas (FEBVRE, MARTIN, 1999, 321). Nesse século algumas cidades se tornaram centros comerciais importantes. Lyon, cidade francesa situada na região dos Alpes, enviava livros para os confins da Itália e da França, comunicando-se também com a Alemanha a partir da Suíça (FEBVRE, MARTIN, 1999, 321). Os livreiros lionenses também introduziam na França a produção italiana, tão importante à época (do humanismo), além daquelas oriundas da Suíça e da Alemanha. Não bastasse isso, mantinham entrepostos em cidades como Toulouse que, situada na região dos Pirineus, garantia a exportação da mercadoria para a Espanha (FEBVRE, MARTIN, 1999, 323).

As rotas percorridas pelos livros não se restringiram ao continente Europeu. Sua expansão além-mar foi garantida pelo processo de mundialização promovido pelos países da Península Ibérica. Em 1497, D. Manoel, o venturoso, garantiu que o velho continente se conectasse com a Ásia e o Novo Mundo, “apesar da fúria dos mares, dos rigores e das tempestades dos tempos [e] da resistência dos inimigos mais poderosos” (GOUVEIA *apud* GRUZINSKI, 2014, p.155). Os navios que desde então se dirigiram à Índia, percorrendo as costas africanas e atravessando o Atlântico rumo ao Novo Mundo transformaram radicalmente a vida de milhares de pessoas, muitas delas vivendo em terras estrangeiras e, por consequência, sofrendo com as lembranças da pátria de origem e com a ausência dos entes queridos lá deixados, como assinala Gruzinski (2014, p. 156):

As cartas trocadas entre os habitantes da monarquia revelam como homens e mulheres tentam enfrentar as defasagens e discrepâncias engendradas pelas distâncias, a precariedade e a lentidão dos transportes e os venenos do esquecimento. Procurar manter contato com os parentes, os filhos, os amigos que ficaram na Península é invariavelmente acertar o relógio humano pelo tempo do Atlântico, logo, adaptar-se a uma nova temporalidade, intercontinental, ritmada pelo movimento das frotas entre a Península e a América, pontuada por partidas e chegadas, muitas vezes perturbada pelas guerras, pelos corsários, pelas tempestades e pelos furacões. É a chegada das frotas e dos comboios que reanima os amores à distância e reconcilia os laços ameaçados. Mas é ela também que

engendra as esperas decepcionantes, as esperanças enganosas e confronta-se com os silêncios esmagadores, quando se sabe que o navio que acaba de atracar não trará a carta por tanto tempo desejada. (GRUZINSKI, 2014, p.165)

No coração da diáspora européia a temporalidade dos afetos se ajusta àquela do comércio e os que partiram de sua terra de origem levam consigo não apenas a saudade dos seus, como também “os fragmentos de seu universo próprio” (GRUZINSKI, 2014, p. 171).

É no cruzamento do comércio transatlântico com os afetos que se situa este artigo. Foi por iniciativa de um grupo de portugueses estabelecidos na capital da Província do Pará, reunidos não por acaso em torno de uma instituição de ajuda mútua, a Benemérita Sociedade Beneficente Portuguesa do Pará¹, que se fomentou a ideia de conectar os conterrâneos ao continente Europeu e à antiga pátria por meio dos livros. Em 22 de novembro de 1867, Joaquim Raimundo de Lamare, presidente e comandante das armas da Província do Pará, comandante em chefe da força naval do 3o distrito, conselheiro de guerra, veador² de S. Majestade, a Imperatriz, e condecorado com a dignatária da Ordem da Rosa, aprovava, por ato administrativo em conformidade com a lei 1.083, de 22 de agosto de 1860, os estatutos da Sociedade Grêmio Literário Português, sediada na cidade de Belém. Estava lançada a pedra fundamental do gabinete de leitura que receberia, ao longo de todo o século XIX, um sem número de romances das mais diversas nacionalidades, em publicações traduzidas ou em língua original.

Parcela significativa do acervo desse gabinete de leitura, situado no extremo Norte do território brasileiro, foi constituída por romances franceses publicados no século XIX e transportados por navios a vapor que partiam de Liverpool, passando pelas cidades do Porto e de Lisboa, onde a preciosa carga era embarcada rumo a Belém do Pará.³ Informações sobre autores, obras, tradutores, editores, tipógrafos, coleções editoriais de cada um dos exemplares desses romances podem ser consultadas no *website Paris na América: romances franceses no Grêmio Literário Português do Pará*⁴, que compõe um mapa do que estava disponível aos leitores da capital da Província do Pará a essa época. No *website* também estão disponíveis informações biográficas sobre os autores⁵, muitos dos

1 Fundada em 1854.

2 Veador, ou antes viador, do latim *via*, caminho ou estrada, era um antigo título honorífico em Portugal e no Brasil, que se dava ao oficial-mor da casa real que servia junto à rainha ou a imperatriz, no paço ou fora dele; camarista da rainha ou do rei. Eram geralmente escolhidos entre membros da nobreza e fidalguia. Tinham as funções áulicas de apoio e cooperação direta ao rei e sua família, sem serem serviçais, nas residências reais, em períodos alternados de tempo, e por isso eram chamados também de semanários e, genericamente, de camaristas. Quando estavam de serviço, usavam uma farda verde, chamada de “côrte”, e portavam na parte de trás da casaca, um distintivo que reproduzia uma chave dourada, insígnia que dava pleno acesso aos aposentos privados da família real ou imperial.

3 A discussão sobre o comércio de livros entre o gabinete de leitura paraense e livrarias portuguesas foi desenvolvida em AUGUSTI (2017).

4 *Paris Na América*. Disponível em: <https://parisnaamerica.org/blog/>. Acesso em: 7 set. 2019.

5 As biografias, resultado da pesquisa em catálogos bio-bibliográficos do século XIX, estão

quais desconhecidos pelo público leitor brasileiro do século XXI, sobretudo porque ausentes do cânone literário francês.

Partindo do acervo de romances franceses do Grêmio Literário Português, este artigo pretende se debruçar particularmente sobre os autores que passaremos a denominar “viajantes que escrevem romances”, uma vez que tomam a experiência da viagem fora do continente europeu como mote para escrever prosa de ficção. No que tange aos autores selecionados, será feita uma exposição de seus percursos biográficos e de sua produção ficcional para, em seguida, demonstrar que o diálogo formal e temático estabelecido entre relatos de viagem e ficção teve na disputa do mercado editorial pelo público leitor uma de suas razões. Por fim, o artigo levanta questões sobre o papel de ambos os gêneros não apenas no processo de constituição da consciência europeia sobre os povos de outros continentes, mas também na dos leitores de territórios colonizados.

2. Viajantes que escrevem romances: percurso biográfico e produção ficcional

Gustave Aimard foi um romancista muito popular no Oitocentos. Sua trajetória como escritor foge completamente do padrão comumente valorizado pelos homens de letras. Aprendiz de marinheiro, parte em um navio para a América, onde permanece por dez anos. Depois percorre, na condição de *partisan*, a Espanha, a Turquia e o Cáucaso. Retorna à Paris em 1848, onde, por algum tempo, ocupa a função de oficial da “Guarda Mobile”. Em seguida se dirige novamente à América, desta feita ao lado do Conde Raousset-Boulbon, que coordena a expedição de Sonora.⁶ Por ocasião da Guerra Franco-Prussiana em 1870, forma e comanda um batalhão de franco-atiradores do *La Presse*.⁷ Novamente em Paris, publica inúmeros romances ligados a suas experiências de viagem.⁸ *Les trappeurs de l'Arkansas*, publicado por Fayard em 1858, dá início a uma série de narrativas ambientadas na América do Norte e no México. Grande parte dessa produção ficcional é traduzida e publicada no interior de uma coleção editorial portuguesa denominada “Bibliotheca dos Dois Mundos”.⁹ Esse é o caso de *Curumilla*, que faz parte, juntamente com *La Grande Flibuste* e *La Fièvre d'or*, da trilogia resultante da expedição Sonora (COMPÈRE, 2007, p.17). Sua produção ficcional, de aproximadamente 66 romances¹⁰, participa, segundo alguns críticos, sendo alimentadas no site, de forma que nem todas estão disponíveis para visualização.

6 A expedição está ligada à febre do ouro na Califórnia, após a guerra dos Estados Unidos com o México, em 1846-1848. O conde Raousset-Boulbon vai à São Francisco em busca de ouro e depois se envolve no conflito com o estado mexicano de Sonora.

7 O autor foi membro da Société des Gens de Lettres, de cujo comité fez parte em 1870, da Société de Géographie e da Société des Auteurs Dramatiques.

8 AIMARD, Gustave. Disponível em: <<https://parisnaamerica.org/bookauthor/aimard-gustave/>>. Acesso em: 7 set. 2019.

9 Bibliotheca dos Dois Mundos. Disponível em: <<https://parisnaamerica.org/bookcollection/bibliotheca-dos-dois-mundos/>>. Acesso em: 7 set. 2019.

10 Dentre seus romances estão: *Un coin du rideaux* (1847), *Les trappeurs de L'Arkansas* (1858), *Les grands chefs des Incas* (2 vol, 1858), *Le chercheur de pistes* (1858), *Le coeur loyal* (1861), *Les francs-*

de uma tradição ficcional maior, responsável por fazer os indígenas americanos conhecidos dos leitores franceses. Dessa família de romancistas de “Apaches e Moicanos” também fazem parte Fenimore Cooper, em cuja produção se inclui *O Último dos Moicanos*; Honoré de Balzac, com o romance *Les Chouans* (1829); Gabriel Ferry, com *Le Courreur de Bois* (1853) e Paul Duplessis, com *La Sonora* (1858). Segundo COMPÈRE (2017, p.25), tais autores “introduisent en France les ‘diabes rouges’ du desert, Comanches et surtout Apaches, présentés comme des êtres vils, cruels et inassimilables”¹¹ Os trinta anos de aventuras do autor são narrados em *Par mar e par Terre: le corsaire*, publicada em Paris, no ano de 1879, por Paul Ollendorff e em *Mon dernier voyage: Le Brasil nouveau*, que em 1886 sai das prensas de E. Dentu, editor francês conhecido por fazer publicações de livros vendidos a preços baixos.

Outro viajante que se lançou em direção ao romance foi Guillaume-Joseph-Gabriel de La Landelle. Nascido em Montpellier, oriundo de uma família de marinheiros bretões, entra para a marinha real francesa aos 16 anos de idade. Durante onze anos participa de expedições nas costas de Portugal, Brasil e Guadalupe (COMPÈRE, 2007). Em 1839 abandona a marinha para se dedicar à escrita, publicando artigos sobre o mundo marítimo e romances em folhetins. Charles Monsellet se refere a *Les princes d'ébène*, *Les Iles de glace* e *L'homme de feu* como romances “selvagens e tatuados”. Alguns críticos o consideram seguidor de Fenimore Cooper – autor americano que também serviu à marinha de seu país e publicou narrativas como *The Pilot: a tale of the Sea* (1823) e *The Red Rover: a tale* (1828) – e de Frederick Marryat, autor de *The Naval Officer, or Scenes in the Life and Adventures of Frank Mildmay* (1829) e de *The Phantom Ship* (1839). Marryat, nascido em Londres, entrou para a Marinha Real inglesa em 1806, servindo à bordo do HMS *Imperieuse*, fragata comandada por Lord Cochrane. O autor, que passa 25 anos no mar, serve-se dessa experiência para escrever seus romances “náuticos”, admirados por escritores como Mark Twain, Joseph Conrad e Ernest Hemingway.

Em suma, La Landelle, assim como seus antecessores americano e inglês, partilha com eles não apenas a experiência profissional nas marinhas de seus respectivos países, como também aquela de fazer dessas experiências matéria prima para ficção. Parcela de sua produção literária também pode ser encontrada nas estantes do G. L. P., traduzida para o português ou em língua francesa. Esse é o caso dos romances *A vingança do sargento* e os *Gigantes do mar*, em edições lisboetas publicadas em 1872 e 1878 e da obra *Les femmes à bord*, em edição de E. Dentu, publicada no ano de 1882. No entanto, sua única obra dedicada ao Brasil – *Aventures et embuscades: histoire d'une colonisation Au Brésil*, publicada em Paris, no ano de 1883, pelo editor René Haton – não se encontra no gabinete de leitura paraense.

tireurs (1861), *Les rôdeurs des frontières* (1862), *La main ferme* (1862), *Valentin Guillois* (1862), *Les nuits mexicaines* (1863), *Les aventuriers* (1863), *Les guaranis*, etc.

¹¹ Introduzem na França os “diabos vermelhos” do deserto, Comanches e sobretudo Apaches, apresentados como seres vis, cruéis e inassimiláveis.

O terceiro romancista que nos interessa particularmente é Louis Henri Bousсенard. Nascido em Escrennes, em 4 de outubro de 1847 e falecido em Orléans em 1910, ingressa na faculdade de medicina de Paris em 1867, interrompendo o curso para participar da guerra franco-prussiana de 1870-1871. A partir de 1875, abandona a medicina para se dedicar ao jornalismo e ao romance folhetim. Viaja para a Austrália em 1876 e, dois anos depois, publica seu primeiro romance, pautado nessa experiência, no *Journal des Voyages*, periódico semanal especializado em viagens, ficção e explorações (COMPÈRE, 2007). Nesse periódico publica também seu segundo romance, *Le Tour du monde d'un gamin de Paris* (1879), que tem grande aceitação entre o público leitor.¹² Em seguida, o Ministro da Educação Pública e Belas Artes, Jules Ferry, confia-lhe uma missão científica de oito meses à Guiana Francesa. Como resultado dessa experiência, publica, em 1882, os romances *Les Robinsons de la Guyane: Le Tigre blanc, Le Secret de l'or e Les Mystères de la forêt vierge* (1881), *Les chasseurs de caoutchouc* (1886) e *Bras-de-fer* (1910).¹³ Após a missão na Guiana, no ano de 1881, Louis Bousсенard realiza inúmeras viagens. Visita o Marrocos, Serra Leoa, Caribe, Flórida, Indonésia e as ilhas do Pacífico. Comparado a Jules Verne, Bousсенard produz 37 romances de aventuras e viagens, além de inúmeras narrativas mais curtas, posteriormente reunidas em uma antologia denominada *Aux Antipodes* (1889). Sobre o Brasil escreve *De Paris au Brésil par terre: à la poursuite d'un héritage*, no interior da coleção “Les grands aventuriers a travers le monde”, publicado em Paris, pela editora E. Girard et A. Boitte, no ano de 1892. No mesmo ano publica *Deux Mille Lieues à travers l'Amérique du Sud* (1892), publicado em Paris pela Librairie illustrée.

Também romancista foi Fortuné du Boisgobey. Nascido em uma família burguesa, de Granville, trabalha na tesouraria das Forças Armadas na África de 1844 a 1848, ano em que retorna à França. Deixa a administração pública em 1861, faz viagens na Europa e no Oriente e se consagra à literatura.¹⁴ Em 1868 publica, no *Le Petit Journal*, a narrativa *Les deux comédiens*, inspirada em um *fait divers* judiciário. No ano seguinte publica dois outros romances: *L'Homme sans nom* e *Le forçat Colonel*. Este último narra a história de um detento que escapa da prisão, assume a identidade de um oficial e faz carreira na corte de Luís XIV. A partir de 1870 até sua morte, Boisgobey publica quantidade expressiva de romances, muitos dos quais resultado de sua atividade frequente de folhetinista do periódico *Petit Moniteur Universel*, com o qual firma contrato (COMPÈRE, 2007, p.63). Parcela significativa de sua produção se insere no campo do romance policial, como é o caso de *La Veillesse de Monsieur Lecoq* (1877), *Disparu!* (1869), *Le coupe de pouce* (1874), *Le crime de l'Opéra* (1879), *La main coupée* (1880), etc. No

12 Dez de seus romances tem como personagem o protagonista de *Le gamin de Paris*, que viaja pelos quatro cantos do mundo (COMPÈRE, 2007).

13 O G.L.P. possui, em seu acervo, o romance *Les Robinsons de la Guyane: Le Tigre blanc, Le Secret de l'or e Les Mystères de la forêt vierge*

14 De uma viagem ao Egito resulta a narrativa de viagem intitulada *Du Rhin au Nilo: souvenirs de voyage* (1876).

acervo do G.L.P. se encontram duas obras traduzidas para a língua portuguesa: *Amor e crime: trinta anos de aventura*, em edição lisboeta da “Biblioteca Serões Românticos” e as terceiras e quartas partes¹⁵ do romance *Mistérios de Paris Novo*¹⁶, publicado no Rio de Janeiro pela editora Laemmert no ano de 1887. Em língua francesa há mais três romances: *Le forçat Colonel*, em edição de 1871, publicada pela editora E. Lachaud, *Le Pignon Maldit*, em edição de 1882, publicada por E. Dentu e *Rubi sur l’ongles* em edição de 1886, publicada pela Librairie Illustrée.¹⁷

Autor de seis romances que fazem parte do acervo do G.L.P.P., Amedée Achard nasce em Marselha no ano de 1814 e parte para a Argélia em 1834 com o intuito de se dedicar à agricultura. Contudo, em 1835 retorna à França, onde assume o cargo de chefe de gabinete do prefeito de l’Hérault.¹⁸ Começa a publicar romances-folhetim de viés histórico na década de 1840, seguindo os passos de Alexandre Dumas. A publicação do romance *La cape et l’épée*, em 1875, faz com que seja reconhecido como o inventor do termo “romance de capa e espada”, ainda que a terminologia já houvesse sido utilizada em 1855 por Ponson du Terrail e em 1857 por Paul Féval¹⁹ (COMPÈRE, 2007, p.13). É nesse campo que Achard obterá grande sucesso. No acervo do G.L.P., obras como *Os descendentes de Lovelace*, nome que faz alusão ao sedutor e cruel personagem do romance *Clarissa*, do inglês Samuel Richardson, são traduzidas e publicadas por editores portugueses da cidade do Porto ou Lisboa. Esse romance vêm à luz no interior da coleção editorial Pedro Corrêa, de forma similar ao romance *Como as mulheres se perdem*, publicado na coleção “Biblioteca para Senhoras”. O fato de serem publicados no interior de coleções editoriais parece seguir a voga desse tipo de empreendimento, muitas vezes pautado pela publicação por subscrição, com venda dos exemplares em fascículos, estratégia editorial importante no processo de barateamento do livro na Europa.²⁰

15 Ainda que a biblioteca tenha apenas essas duas partes do romance, muito provavelmente teve também as demais, que devem ter se perdido.

16 É provável que se trate da obra *Les Mystères du nouveau Paris* (Os mistérios da Nova Paris), publicada em 1875

17 Cabe assinalar aqui que pelo menos um desses editores franceses, E. Dentu, filho de Jean Gabriel Dentu (Paris, 1770– Paris, 1840), herda do pai uma livraria em dificuldades, porém publica em fascículos semanais vendidos a 10 centimes, assim como obras de romancistas ditos então “modernos” como Alphonse Daudet e Hector Malot, além de Emile Gaboriau, considerado o inventor do romance policial na França, e de Paul Féval e Ponson du Terrail. O fundo de sua livraria chega a possuir 10.000 títulos, muitos dos quais publicados em coleções populares, como a *Nouvelle Bibliothèque choisie* à 1 franc le volume. Também publica, a partir de 1890, a coleção *Les Maîtres du roman*, vendida a 60 centimes. Sua livraria vai ser adquirida, em 1895, por Arthème Fayard, outro editor de fundamental importância para o barateamento do livro no mercado editorial francês (Fourché, Pascal; Péchoin, Daniel; Schuwer, 2005, p. 193).

18 ACHARD, Louis Amédée Eugène. Disponível em: <<https://parisnaamerica.org/bookauthor/achard-amedee/>>. Acesso em: 7 set. 2019.

19 De acordo com Compère (2007), o dramaturgo Fernand de Rojas, com *Celéstine* (1502) teria inaugurado o gênero “comédia de capa e espada”, fundada no amor, intriga e honra. Na França, a utilização dessa terminologia teria emergido no século XIX, servindo para designar o encontro do romance histórico com o romance de aventuras. De acordo com certos críticos, Alfred de Vigny, com o *Cinq-Mars* (1826) teria trazido a capa (acessório para se esconder) e Mérimée a espada, com o romance *Chronique du règne de Charles IX* (1829). A expressão “capa e espada” define certo tipo de personagens que tem em d’Artagnan o herói paradigmático, envolvido em duelos que fazem prova de superioridade.

20 Não irei me estender nesse assunto no presente artigo. A esse respeito cf: AUGUSTI (2013)

Com relação a esses autores, é importante assinalar que todos tiveram suas obras traduzidas para a língua portuguesa, mas essa não foi uma condição para alcançarem o público leitor de outros países, uma vez que edições publicadas em sua língua de origem também atravessaram o Atlântico, chegaram à biblioteca do Grêmio Literário Português do Pará e, muito provavelmente, a outras bibliotecas brasileiras e estrangeiras do Oitocentos. A contabilização dos títulos publicados por esses autores demonstra que tiveram uma produção ficcional de monta em termos numéricos, evidenciando que suas carreiras literárias foram prolíficas e isso aconteceu muito provavelmente devido à boa recepção de suas obras por parcelas significativas do público leitor: Gustave Aimard publicou aproximadamente 70 títulos²¹, o mesmo se pode afirmar de La Landelle²², Bousсенard²³, Fortuné du Boisgobey²⁴ e Amédée Achard²⁵. Ou seja, todos eles, cada um a seu modo – no campo do romance de apaches e moicanos, marítimo, judiciário, de aventuras ou de “ficção científica”²⁶ –, conseguiram se firmar no mercado editorial, encontrando nichos para as obras que produziam.²⁷

Dentre esses escritores franceses cujas obras vieram aportar em Belém, dois deles não produziram narrativas ficcionais diretamente associadas as suas experiências além-mar. Amédée Achard se dedicou ao romance de capa e espada e produziu alguns relatos de viagem, dentre eles o *Album de Voyages* (1865)²⁸, em que narra suas experiências por Londres, Viena e Roma, *Un mois en Espagne*, *La Vie errante* e *Une saison à Aix-les-Bains*, ou seja, experiências ambientadas no interior do Continente Europeu. Fortuné de Boisgobey escreveu romances históricos e sobre o *bas-fonds* parisiense, mas ficou para a posteridade especialmente

21 Para verificar os títulos publicados pelo autor, incluindo reedições, cf: Louis Bousсенard (1847-1910). data.bnf.fr. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/12108126/louis_bousсенard/. Acesso em: 7 set. 2019.

22 Para verificar os títulos publicados pelo autor, incluindo reedições, cf: Gabriel de La Landelle (1812-1886). data.bnf.fr. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/11910290/gabriel_de_la_landelle/. Acesso em: 7 set. 2019.

23 Para verificar os títulos publicados pelo autor, incluindo reedições, cf: Louis Bousсенard (1847-1910). data.bnf.fr. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/12108126/louis_bousсенard/. Acesso em: 7 set. 2019.

24 Para verificar os títulos publicados pelo autor, incluindo reedições, cf: Fortuné Du Boisgobey (1821-1891). data.bnf.fr. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/12175728/fortune_du_boisgobey/. Acesso em: 7 set. 2019.

25 Para verificar os títulos publicados pelo autor, incluindo reedições, cf: Amédée Achard (1814-1875). Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/11888041/amedee_achard/. Acesso em: 7 set. 2019.

26 Algumas obras de Bousсенard são consideradas romances de ficção científica em virtude de seu conteúdo especulativo. Authors: Bousсенard, Louis: SFE: Science Fiction Encyclopedia. Disponível em: <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/bousсенard_louis>. Acesso em: 2 set. 2019.

27 Não é todo inútil observar que as nomenclaturas utilizadas pelo mercado editorial para classificar as obras desses autores não são as mesmas vigentes nas histórias literárias do século XIX ou XX. As categorias de que comumente se servem os historiadores passam: 1. pela classificação primeira do gênero literário – poesia épica, lírica e dramática (teatro), romance 2. Inclusão dos exemplares do gênero em um quadro taxionômico maior, que remete às escolas literárias, como por exemplo, romantismo, realismo e naturalismo. Esse sistema taxionômico pouca importância parece ter para o público leitor e os editores romancistas aqui discutidos, que atraíram um sem número de leitores, como o demonstram as sucessivas edições.

28 Essa obra está disponível em ACHARD, Amédée (1814-1875) Auteur du texte. *Album de voyages* / par Amédée Achard. [s.l.: s.n.], 1865. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6564062d>>. Acesso em: 3 set. 2019.

por seus romances judiciários, publicando um único relato de viagem *Du Rhin au Nil carnet de voyage d'un parisien* (1876), que resultou de suas incursões pelo Oriente e na África.²⁹

3. Relatos de viagem e ficção: mercado editorial e imaginário social

O que interessa com relação à biografia desses autores não é apenas o fato de se diferenciarem dos poetas, pintores e romancistas que fizeram das viagens – muitas vezes tão somente no interior do continente ao qual pertenciam – uma etapa imprescindível de seu processo formativo em termos artísticos. Os escritores franceses a que nos referimos acima se tornam escritores após experiências de viagem que não mantêm relação alguma com o campo artístico, pelo contrário, estão associadas às suas atividades no interior de um aparato estatal e, muito frequentemente, a um processo mais amplo de descoberta, exploração e domínio de territórios e povos em além-mar. Eles partem para o continente Africano e Americano em um momento histórico no qual o processo de penetração pelo interior dos continentes colonizados pelas nações européias já avançara significativamente. Não por acaso os destinos desses viajantes – Argélia, Estados Unidos, México, Brasil – estavam unidos a um passado histórico similar, o da colonização. A Argélia, que partir de 1871 se torna colônia francesa, ocupa condição similar à do Brasil, que até 1822 esteve sob domínio português ou à dos EUA, que esteve sob domínio britânico até 1776.

162 É importante assinalar que ao publicarem suas obras, esses viajantes romancistas encontram um público já familiarizado com uma diversidade significativa de relatos de viagem, inclusive o relato de viagem sentimental que, baseado em tradições mais antigas da literatura de sobrevivência, narra, em primeira pessoa, naufrágios, motins, abandonos e, em sua versão terrestre, cativeiros (PRATT, 1999). Essa literatura já popular em fins do século XV ganhou novo fôlego no século XVIII, se fortalecendo com a cultura impressa de massa: “Os sobreviventes que retornaram de naufrágios ou cativeiros podiam financiar o reinício de sua vida normal escrevendo suas histórias para vendê-las em panfletos ou coleções baratas” (PRATT, 1999, p.155).

Os periódicos tiveram papel relevante na publicação desses relatos desde pelo menos o século XVIII. Pratt (1999, p. 156) observa que em 1759 o editor do *Montly Review* publicou a quarta edição do relato de “Willianson, raptado quando criança, tomado como escravo, lavrador, prisioneiro de índios e soldado voluntário”. Acrescenta, ainda, que o autor do relato teria obtido o auxílio de uma amigo literário, responsável por ornamentar a narrativa em benefício do desafortunado autor. Essa retórica “subjetivista” conviveu com aquelas da autoridade da ciência, como o demonstram as resenhas em que se discute a forma

²⁹ Ambos, contudo, viveram experiências na Argélia, colonizada pelos franceses em 1871, muito embora esse processo tenha se iniciado em 1830, com a tomada de Argel.

correta de se escrever os relatos de viagem, se de forma “ingênua”, identificada com o popular, ou letrada. Debates estilísticos sobre a ornamentação ou a exposição da “verdade nua e crua” colocavam em cena as tensões entre o homem de sensibilidade e o homem de ciência. No coração dessa problemática estavam também os editores e escritores de aluguel que, “para assegurar um produto competitivo”, frequentemente transformavam totalmente os manuscritos, “em geral na direção do romance” (PRATT, 1999, p.159). Não bastasse isso, surgiram narrativas em que os viajantes europeus se envolviam afetivamente com os nativos, como a de Le Vaillant, que narra o caso de amor entre ele e Narina, uma jovem sul africana Khoi-Khoi (PRATT, 1999, p.162) e de John Stedman que, em 1796, narrou a história de amor vivida com a escrava mulata Joanna, com quem acabara por se casar. Oficial da Brigada escocesa do exército holandês, Stedman participara de uma expedição para ajudar a conter a guerra de terror instalada por dois quilombos contra os proprietários das *plantations*. Admirador de Lawrence Sterne, Stedman escreve seu diário inspirado no romance *Tom Jones*, de Henri Fielding e em Roderick Randon³⁰ e Bamfylde Moore Carew³¹, garoto inglês que fugiu de casa e juntou-se ao ciganos (PRATT, 1999, p.165). A parcela de sua narrativa dedicada à história de amor vivida no Suriname resultou em uma significativa prole literária que incluiu uma peça de teatro escrita por Franz Kratter, publicada em 1804, uma novela publicada em Londres em 1824, dois romances holandeses publicados em 1857 e 1883, além de uma romance escrito por Eugène Sue e publicado em 1840 (PRATT, 1999).

Não seria possível avançar ainda mais na discussão levada a cabo por Marie Louise Pratt, mas creio que o que foi dito até aqui é suficiente para afirmar que, desde pelo menos o século XVIII, narrativas de viagem e ficção parecem disputar espaço no mercado editorial europeu e de além-mar. Essa disputa tem implicações na própria forma de escrever os relatos, que se utilizam de convenções narrativas ficcionais capazes de lhes permitir penetrar entre um público leitor ávido por notícias de territórios desconhecidos. De outro lado, temáticas abordadas nos relatos – como as experiências amorosas interracializadas dos viajantes em territórios desconhecidos pelos europeus – servem de mote para a produção de variados gêneros literários, do romance ao teatro. Tendo isto em vista, pode-se compreender melhor as razões pelas quais parcela dos autores franceses cujas obras se encontram nas estantes do G.L.P. resolveram escrever romances e/ou relatos de viagem tendo em vista as experiências vividas fora do território francês e do continente Europeu: tinham certeza acerca de sua aceitação pelo público leitor.

30 As aventuras de Roderick Randon é um romance picaresco de Tobias Smollet, publicado pela primeira vez em 1748. E parcialmente baseado na experiência de Smollet como companheiro de um cirurgião naval na marinha britânica.

31 A vida e as aventuras de Bamfylde Moore Carew foi publicado em 1745. Seu autor foi provavelmente Robert Goadby, um editor de Sherbone. A narrativa continuou a ser um *best seller* por 100 anos, sendo publicado em *chapbooks*.

No século XIX os periódicos franceses participam de maneira intensa dessa voga dos relatos de viagem e romances ambientados em outros países e continentes. A criação do *Journal de Voyages*, em cujas origens estava outro periódico similar, denominado *Sur terre et sur mer: Journal hebdomadaire de voyages et d'aventures*, é um testemunho desse interesse.³² Maurice Dreyfous, fundador do periódico, mantinha relação próxima com Émile Bergerat et Georges Charpentier, filhos do editor Gervais Charpentier, um dos responsáveis pelo barateamento do livro na França.³³ Em 1877, Dreyfous decide fundar sua própria casa de edição, adquirindo o fundo do editor Georges Decaux, com quem se associa para fundar o *Journal de Voyages*.³⁴ No catálogo de Dreyfous também estão presentes um sem número de narrativas de viagem e exploração, com autores das mais diversas nacionalidades. Ou seja, os relatos de viagem e/ou prosa de ficção resultante de experiências fora do continente europeu interessavam tanto aos periódicos quanto aos livreiros-editores.

Essa produção intensa de relatos de viagem e ficção ambientada fora do território europeu atravessa o Atlântico, seja em sua língua de origem, seja em traduções para a língua portuguesa. No caso dos romances escritos por autores franceses que viveram experiências em outros continentes, percebe-se que parte de suas obras chegaram a Belém em traduções publicadas por editores portugueses, como se procurou assinalar anteriormente.

4. Considerações finais

164 Se os livros de viagem europeus criam a “temática doméstica do euroimperialismo” e “engajam o público leitor metropolitano nos (ou para os) empreendimentos expansionistas (PRATT, 1999, p.28), resta indagar, por consequência, em que medida a prosa de ficção que resulta dessas viagens conforma também o imaginário de leitores dos continentes colonizados, uma vez que atravessam os oceanos e aportam em livrarias e bibliotecas dos mais diversos países, seja em sua língua de origem, seja em traduções. Não é de todo inútil enfatizar que a

32 Em exemplar do ano de 1877, quando tem início a publicação do periódico, o editor se dirige aos leitores, afirmando que, tendo em vista o gosto cada vez maior dos franceses pelas narrativas de viagem e de aventura, assim como a necessidade de conhecer outros povos e costumes, o jornal, publicado em 16 páginas in folio, pretendia trazer sempre uma grande narrativa de viagem – fosse ela aventura por terra ou por mar, narrativa de naufrágio ou caça perigosa –, assim como artigos sobre história das viagens e romances de aventura. Não por acaso, logo abaixo do editorial, o periódico publicava a narrativa *Aventures Périlleuses d'un marin français dans la Nouvelle Guinée*. Journal des voyages et des aventures de terre et de mer. Éditeur : Librairie illustrée (Paris) Éditeur : M. Dreyfous (Paris) Date d'édition : 1877-07, p. 2. Gallica. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104555f>>. Acesso em: 2 set. 2019.

33 Quando Georges Charpentier é escolhido para substituir o pai, Dreyfous se torna o número dois da famosa editora que leva o nome da família. Ele será o responsável por propor a Emile Zola, em julho de 1872, a publicação de *Rougon-Macquart*, com a cobertura amarela da “Bibliothèque Charpentier”, coleção editorial de venda a preços baixíssimos. Cf: Fourché, Pascal; Péchoin, Daniel; Schuwer, Philippe. (2002, p.97)

34 O periódico tinha como concorrente o *Le Tour du Monde*, jornal de viagens e de viajantes publicado pela Hachette.

temática do euroimperialismo em exemplares de prosa de ficção de escritores viajantes deixa de ser doméstica à medida em que esses textos passam a circular para fora do continente europeu graças à expansão do mercado editorial e de uma série de agentes envolvidos na publicação e comércio dessas obras.

Tendo isto em vista, cabe refletir em que medida os variados gêneros de romances – produzidos como resultado da experiência em “zonas de contato”, ou seja, do encontro de culturas díspares em relações assimétricas de dominação, como o define PRATT (1999, p. 27) –, mantém relação com as etapas de expansão colonial, seja aquela em que se mapeiam as costas, seja aquela em que se avançam pelos interiores dos continentes. Além disso, é importante refletir sobre as representações simbólicas que esses romances, traduzidos ou não para a língua portuguesa, foram capazes de produzir a respeito dos povos com os quais esses autores tiveram contato e que se tornaram, por consequência, personagens dessas narrativas.

Essas reflexões não podem prescindir da compreensão das dinâmicas do mercado editorial, pois, como se estou demonstrar, é no cerne da competição pelo público leitor que se dão os empréstimos temáticos e formais entre os relatos de viagem e a ficção, ou seja, que viajantes decidem escrever romances e autores de relatos de viagem tomam de empréstimos as estratégias narrativas do gênero romance.

Referências

ACHARD, Louis Amédée Eugène. Disponível em: <<https://parisnaamerica.org/bookauthor/achard-amedee/>>. Acesso em: 7 set. 2019.

AIMARD, Gustave. Disponível em: <https://parisnaamerica.org/bookauthor/aimard-gustave/>. Acesso em: 7 set. 2019.

Amédée Achard (1814–1875). Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/11888041/amedee_achard/. Acesso em: 7 set. 2019.

AUGUSTI, Valéria. Collections of French novels on the Atlantic route: from Lisbon to Gremio Literário Português do Pará. In: *The transatlantic circulation of novels between Europe and Brazil, 1789-1914*. London: Palgrave-McMillan, 2017.

AUGUSTI, Valéria. Coleções editores de baixo custo e traduções de romances franceses no acervo do Grêmio Literário Português do Pará. *Letras*, [S.l.], n. 47, p. 21–36, nov. 2013. ISSN 2176–1485. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11753/7182>. Acesso em: 06 jun. 2019. doi:<http://dx.doi.org/10.5902/2176148511753>.

Bibliotheca dos Dois Mundos. Disponível em: <https://parisnaamerica.org/bookcollection/bibliotheca-dos-dois-mundos/>. Acesso em: 7 set. 2019.

FEBVRE, Lucien & MARTIN, Henri-Jean. Le commerce du livre. In: *L'apparition du livre*. Paris: Albin Michel, 1999.

COMPÈRE, Daniel (dir). *Dictionnaire du roman populaire francophone*. Paris: Nouveau Monde éd., 2007.

ESTATUTOS DO GRÊMIO LITERÁRIO PORTUGUÊS. Pará: Tipografia do Jornal do Amazonas, 1867, p.6.

Fourché, Pascal; Péchoin, Daniel; Schuwer, Philippe. *DICIONNAIRE ENCYCLOPEDIQUE du LIVRE*. Paris: Éditions du cercle de la librairie, Tomo II : 2005, p. 193.

Fourché, Pascal; Péchoin, Daniel; Schuwer, Philippe. *DICIONNAIRE ENCYCLOPEDIQUE du LIVRE*. Paris: Éditions du cercle de la librairie, Tomo 1, 2002, p.97.

Fortuné Du Boisgobey (1821-1891). data.bnf.fr. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/12175728/fortune_du_boisgobey/. Acesso em: 7 set. 2019

Gabriel de La Landelle (1812-1886). data.bnf.fr. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/11910290/gabriel_de_la_landelle/. Acesso em: 7 set. 2019.

166

GOULARTI FILHO, Alcides. Abertura da navegação de cabotagem brasileira no século XIX . *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 409-434, nov. 2011.

GOUVEIA, Antonio de. *Trophea Lusitana*, ed. José Pereira da Costa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, p. 44 apud GRUZINSKY, Serge. *As quatro partes do mundo: historia de uma mundialização*. Belo Horizonte: editora da UFMG; São Paulo: Edusp, 2014, p.155.

GRUZINSKY, Serge. *As quatro partes do mundo: historia de uma mundialização*. Belo Horizonte: editora da UFMG; São Paulo: Edusp, 2014.

Gustave Aimard (1818-1883). data.bnf.fr. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/11888232/gustave_aimard/. Acesso em: 7 set. 2019.

História e Arqueologia marítima. Disponível em: <http://www.histarmar.com.ar/LineasPaxaSA/34-BoothLine.htm> Acesso em: 7 set. 2019.

V. AUGUSTI
*A experiência
transatlântica:
romances que
viajam, viajantes
que escrevem
romances*

Journal des voyages et des aventures de terre et de mer. Éditeur : Librairie illustrée (Paris) Éditeur : M. Dreyfous (Paris) Date d'édition : 1877-07, p. 2. Gallica. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k104555f>. Acesso em: 2 set. 2019.

Louis Bousсенard (1847-1910). data.bnf.fr. Disponível em: https://data.bnf.fr/fr/12108126/louis_bousсенard/. Acesso em: 7 set. 2019.

MARNOT, Bruno. Les Ports, lieux du rayonnement européen (xvie-xxie siècles). Disponível em: <https://ehne.fr/article/leurope-les-europeens-et-le-monde/les-ports-lieux-du-rayonnement-europeen/les-ports-lieux-du-rayonnement-europeen>. Acesso em: 7 set. 2019.

Paris Na América. Disponível em: <https://parisnaamerica.org/blog/>. Acesso em: 7 set. 2019.

Submetido: 07/09/2019

Aceito: 21/11/2019